10.35355/revistafenix.v22i1.1457



ELAS FIZERAM REVOLUÇÃO: A ATUAÇÃO DE MULHERES INTELECTUAIS NA REVISTA CULTURAL ALTERNATIVA *VERSUS* (1975-1979)

THEY MADE A REVOLUTION: THE PERFORMANCE OF INTELLECTUAL WOMEN IN THE ALTERNATIVE CULTURAL MAGAZINE *VERSUS* (1975-1979)

Mariana Link Martins[*]
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
https://orcid.org/0000-0002-1497-6229
marianalinkk@gmail.com

Claudia Lorena Fonseca[**]
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
https://orcid.org/0000-0003-4787-0575
fonsecaclaudialorena@gmail.com

RESUMO: Este artigo investiga a participação de mulheres intelectuais na revista cultural *Versus* (1975-1979), uma importante publicação alternativa de resistência à ditadura militar brasileira. Tendo em vista que, por muito tempo, as mulheres foram impedidas de compor o discurso intelectual e tiveram sua história negada e negligenciada, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as mulheres que atuaram no movimento intelectual de oposição ao regime militar, para, deste modo, produzir um resgate de seus trabalhos e inscrevê-las na história da resistência.

PALAVRAS-CHAVE: *Versus*; mulheres intelectuais; imprensa alternativa.

---

[*] Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Pelotas e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2023). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Literatura, cultura e tradução.

[**] Doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição . Pós-doutorado pela Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo)–Mendoza, Argentina. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuando como professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de pesquisa Literatura, cultura e tradução, dedicando-se à pesquisa que tem por objeto as revistas literárias e culturais, além das relações entre as literaturas brasileira e hispano-americanas.

ABSTRACT: This article investigates the participation of intellectual women in the cultural magazine *Versus* (1975-1979), an important alternative publication of resistance to the Brazilian military dictatorship. Knowing that for a long time women were prevented from composing intellectual discourse and had their history denied and neglected, the objective of this work is to reflect on the women who worked in the intellectual movement opposing the military regime, in order to rescue their work and inscribe them in the history of resistance.

KEYWORDS: *Versus*; intellectual women; alternative press.

INTRODUÇÃO

Mulheres e intelectualidade é uma combinação muito recente. Durante séculos, por meio do privilégio da dominação masculina, as mulheres foram violentamente afastadas do discurso intelectual e da escrita. Segundo Gerda Lerner (2019), muito demorou para se estabelecer a ideia de que mulheres também podem exercer a função intelectual – e assim serem designadas, devido, entre outros motivos, ao tardio direito à educação, mas, sobretudo, à noção da irracionalidade feminina estabelecida desde a Antiguidade Clássica pela filosofia aristotélica e reforçada pelos ensinamentos bíblicos.

De acordo com Claudia Wasserman (2015), o termo intelectual é utilizado para caracterizar as pessoas que, com sua atividade profissional não manual, assumem posições políticas e/ou ideológicas a fim de intervir nos assuntos públicos. A autora também observa que os intelectuais agem de maneira reflexiva, elaborando e transmitindo conhecimentos e teorias, projetando soluções para problemas sociais e emitindo opiniões sobre temas diversos. Para além disso, criam produtos culturais, tais como livros, jornais, músicas, filmes, teatro, entre outros. Tal perspectiva corrobora com a teoria de Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), a qual indica que o intelectual é um mediador cultural, entendido como um agente estratégico nos âmbitos culturais e políticos, reconhecido socialmente. Dessa forma, como sugere Edward Said (2005), é impossível existir um intelectual privado, pois a figura do intelectual é concebida por seu papel público, seu modo de intervenção política e social. Para o autor, quando as palavras do intelectual são escritas e então publicadas, ele ingressa na esfera pública.

Sendo assim, o exercício da intelectualidade se consolidou como uma atividade estritamente masculina, afinal os homens sempre foram caracterizados pela racionalidade e considerados os integrantes natos do espaço público. As mulheres são reconhecidas socialmente pelo extremo oposto: seres irracionais e habitantes naturais do mundo doméstico. É uma metáfora tão bem vinculada ao corpo social que acaba por legitimar a exclusão das mulheres do universo intelectual. Biologicamente não há diferença entre

homens e mulheres no que concerne à capacidade de pensar. Mesmo assim, as definições de gênero estabeleceram a incapacidade intelectual das mulheres como algo natural, quando, na verdade, é um mito criado por um longo processo histórico e sociocultural que desfavoreceu o desenvolvimento da sua intelectualidade.

Privação educacional, indisponibilidade de estímulo cultural e falta de tempo foram os principais aspectos que dificultaram o acesso das mulheres a esse espaço, esclarece Lerner (2019). Os homens sempre estudaram e tiveram a sua disposição o conhecimento, assim como a troca de estímulo cultural entre eles. Tendo em vista que não precisavam cuidar de suas casas, nem criar seus filhos, pois tinham mulheres para realizar essas tarefas, possuíam tempo de sobra para a construção de conhecimento e o exercício intelectual. Para a autora, as mulheres, como um grupo, viveram por mais tempo do que qualquer outro em uma "condição de ignorância ensinada, alienadas da própria experiência coletiva por meio da negação da existência da História das Mulheres" (LERNER, 2022, p. 31).

A negação de uma História das Mulheres, mencionada por Lerner, pode ter sido o maior obstáculo para o crescimento intelectual coletivo das mulheres. Lerner (2019) entende, é preciso esclarecer, que existem dois tipos de história, os quais ela distingue pelas iniciais minúscula e maiúscula. A história consiste em todos os eventos passados que os seres humanos se recordam. E História é o passado interpretado, ordenado e registrado, que surge na Antiga Mesopotâmia com a invenção da escrita. Considerando que o pensamento patriarcal já vigorava em tal período, a História foi escrita por homens de classes privilegiadas, que fizeram de seus correspondentes os grandes protagonistas. As mulheres foram excluídas dessa narrativa, suas experiências e ações não ganharam registro. Ou seja, os trabalhos intelectuais de muitas mulheres foram apagados da História, justamente por não serem consideradas como capazes de compor a narrativa intelectual.

Em alguns momentos da história esse apagamento ganha contornos mais nítidos ou, um exacerbamento. É o caso, por exemplo, de um capítulo da História brasileira em que as mulheres sofreram um considerável silenciamento: o período da ditadura militar (1964 – 1985). Sabe-se que esse momento ficou marcado pelo protagonismo da resistência masculina, embora a participação das mulheres, nas mais variadas frentes de oposição, tenha ocorrido em larga medida.

De 1964 a 1985 o Brasil sofreu com as barbáries da ditadura, sob o comando dos militares que, desde o primeiro ato institucional, conferiram poderes de exceção a si

próprios e usaram as vias legais para aplicar seu autoritarismo. Entre atos institucionais e complementares, decretos-leis e leis de segurança nacional, os ditadores instauraram um regime cruel, fortalecido por apoiadores civis, que operava a partir da perseguição, da censura, da tortura, dos assassinatos e dos desaparecimentos forçados. Em seus 21 anos de duração, a ditadura passou por diferentes fases, algumas mais brandas, outras mais brutais, mas sempre violentas.

Dentre as inúmeras formas de resistência criadas para lutar pela redemocratização da sociedade brasileira, no entanto, nos interessa destacar o caso da imprensa alternativa, por sua eficácia e longa trajetória, uma vez que foi instrumento de oposição criado logo após o golpe de 1964 e que permaneceu até os anos finais do regime. De acordo com Maria Paula Araújo (2000), a imprensa alternativa foi um movimento jornalístico e político, constituído por periódicos que questionavam a ditadura militar, direta ou indiretamente, a partir do ideário da esquerda, denunciando a violência e a arbitrariedade do governo autoritário. Mesmo com a censura intensa e a perseguição constante, os alternativos, conforme destacam Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006), renovaram o fazer jornalístico ao mudar os processos de diagramação e o uso da linguagem, assim como ao colocar em pauta temas relacionados ao cotidiano e às mudanças de comportamento.

www.revistafenix.pro.br

A imprensa alternativa viveu seu momento mais notável durante a década de setenta, sobretudo nos seus últimos anos, os quais foram caracterizados por uma promessa de abertura política. Essa fase de novas possibilidades no horizonte suscitou uma reação em massa por parte da resistência cultural, o que também possibilitou a criação de muitos jornais, revistas e suplementos. Segundo Bernardo Kucinski (1991), em 1975 foram criados cinco importantes periódicos alternativos, já em 1976 foram mais sete, evidenciando que o fim dos anos setenta, então, foi um momento de grande expressividade alternativa.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as mulheres intelectuais que fizeram parte da imprensa alternativa no complexo contexto do fim dos anos setenta, para, deste modo, produzir um resgate de seus trabalhos e inscrevê-las de fato na história da resistência. Para tanto, analisamos a revista cultural *Versus*, um dos periódicos lançados em 1975 que se refere Kucinski (1991), na qual também buscamos explorar a presença ou ausência de figuras femininas nesse espaço forjado historicamente como masculino por excelência e o modo como a revista estudada comportava-se em relação aos assuntos especificamente feminino e feministas.

Como procedimento metodológico, partimos de um olhar crítico feminista e temos como norte a metodologia sugerida por Regina Crespo (2011) para o estudo de revistas culturais e literárias da América Latina. Para a autora, as revistas são "consideradas um objeto de estudo central para o conhecimento de aspectos da história, da cultura e da literatura latino-americanas" (CRESPO, 2011, p. 107), pois em suas páginas encontram-se manifestações que estão diretamente relacionadas às urgências do período em que circularam. Sua metodologia consiste em uma análise interdisciplinar, fundamentada na articulação entre as publicações, os grupos intelectuais e a conjuntura histórica e sociocultural. Ou seja, além de apresentar os nomes das mulheres que participaram de *Versus* e resgatar suas produções intelectuais, pretendemos compreender as posições que elas ocupavam, os papéis que desempenhavam, para então alcançar todas as condições de produção de seus trabalhos.

VERSUS: UMA PROTAGONISTA ALTERNATIVA

Após os perversos anos de chumbo[1], em março de 1974 toma posse o quarto presidente da ditadura militar, Ernesto Geisel, anunciando um programa de "distensão política, lenta e gradual". Para comprovar sua promessa, o presidente suspende a censura prévia das publicações *Jornal da Tarde* e *O Estado de S. Paulo* (MARTINS; LUCA, 2006). No entanto, o governo Geisel (1974 - 1979) continuou a usar a censura e certa perseguição para tentar manter o controle do país, já que muitos acontecimentos políticos, como a vitória da oposição nas eleições legislativas de 1974, continuavam a enfraquecê-lo. Desse modo, a cultura permanecia andando em uma corda bamba esticada pela ditadura militar. A forma como a censura funcionava nesse período de suposta brecha dificultava os caminhos que a oposição cultural poderia seguir. O jornal *Movimento* originado em 1975, por exemplo, foi perseguido desde sua primeira edição, sendo sempre submetido à censura prévia (KUCINSKI, 1991). Além disso, a literatura, até então pouco proibida, passou a ser constantemente censurada após 1975.

É em outubro do mesmo ano que começa a circular *Versus*, uma publicação de resistência cultural fundada pelo gaúcho Marcos Faerman. Em meio à complexidade política e à censura dúbia, *Versus* surge com o objetivo de "assumir a reflexão e a cultura,

[1] Os anos de chumbo correspondem ao período entre 1969, quando é instituído o Ato Institucional n. 5 (AI-5), até o fim do governo presidencial de Emílio Garrastazu Médici, em 1974. Esse é considerado o momento mais bárbaro do regime militar, no qual a tortura, os desaparecimentos e os assassinatos eram práticas comuns.

num momento em que na grande imprensa Letras, Artes e Pensamento eram relegados à variedades" (VERSUS, 1976, p. 2). Com circulação até outubro de 1979, a revista[2] publicou 34 edições, mais algumas especiais, dentre elas três em formato de quadrinhos. Em suas páginas, a literatura e a arte ocupavam grande espaço, assim como ensaios críticos sobre os mais diversos temas. Para Kucinski foi uma das mais radicais manifestações da imprensa alternativa:

> [...] era de esquerda sem ser doutrinário, cultural sem ser estritamente literário, e jornalístico sem ser contingente, e [com] temática própria, a de uma América Latina quase totalmente submetida a regimes autoritários. Uma opressão que VERSUS não media em meses ou anos, mas em séculos; a tragédia latino-americana dos anos de 1970, sob a ótica de quatro séculos não menos trágicos (KUCINSKI, 1991, p. 131).

Distribuída de forma precária no início, vendida de mão em mão por seus editores e colaboradores e em algumas bancas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, seu alcance nacional não demorou, já em dezembro de 1976, a revista estava nas bancas de todo o país, distribuído pela editora Abril. No ano seguinte, declara Omar de Barros Filho (2007), sua tiragem chegou a 30 mil exemplares por edição. Como muitos de seus colaboradores eram de outros países, *Versus* também circulou internacionalmente, rompendo com diversas barreiras e chegando em muitos lugares, para muitas pessoas, mesmo em um momento complexo.

Sua ampla circulação foi possível porque manteve-se longe do crivo da censura, pois, além de utilizar uma linguagem metafórica e literária, muitas vezes seus editores praticaram a autocensura (BARROS FILHO, 2007, p. 11). Outro ponto foi a beleza das suas edições, uma vez que a personalidade estética da revista era tão original quanto seu conteúdo. Com capas impressas em papel *offset*, a revista utilizava elementos gráficos para chamar a atenção do leitor, geralmente com o uso de cores fortes e contrastantes, bem como recorria a recursos que estabelecem certa harmonia com as temáticas das edições, conforme é possível observar na figura 1.

[2] Versus anunciava-se como "um jornal de aventuras, ideias, reportagens e cultura", no entanto, de acordo com Crespo (2018), devido às suas características, é classificado tecnicamente como uma revista. Dessa forma, neste trabalho, optamos por utilizar a classificação de Crespo (2018).

Figura 1. Capa do número 4 de *Versus*



Fonte: **Versus**, São Paulo, nº4, abril, 1976.

www.revistafenix.pro.br

Embora *Versus* tenha sido idealizada e fundada por Marcos Faerman, com seu inédito projeto político-cultural com foco no continente latino-americano, a edição de número 24, de setembro de 1978, anuncia a saída do jornalista, passando então a ser dirigida pela organização trotskista Convergência Socialista e tornando-se um veículo de propaganda partidária. A politização da revista já vinha ocorrendo desde meados de 1977, principalmente da 12ª edição em diante, quando *Versus* começa a mudar seus rumos, dando certa prioridade para assuntos relacionados à situação presente do país e diminuindo as manifestações referentes à história da América Latina. Ou seja, percebemos que o seu projeto passa a ser mais politizado, inclusive pelo viés partidário, enquanto gradativamente abandonava a atuação cultural, a qual finda de fato após o número 24.

Dessa forma, a trajetória da revista pode ser dividida em três fases, como sugerem Xenya Bucchioni e Juliana Ogassawara (2009). As autoras dividem da seguinte forma: a primeira fase vai da primeira edição até a 12ª, na qual o foco encontrava-se na cultura latino-americana como ação política; a segunda, a partir da 12ª até a 24ª, consiste em uma fase de transição do discurso cultural para o político; a terceira etapa começa no

número 24 e termina junto com sua circulação, no 34, e é caracterizada pela posição política partidária.

Concluímos que em relação à resistência à ditadura militar, *Versus* foi significativa durante toda a sua trajetória. Se inicialmente era palco da história de todo o continente latino-americano, posteriormente é a história de seu Brasil contemporâneo, ainda sob a violência da tirania do governo militar, que está em evidência. Apesar de terminar asfixiada, como acertadamente ressaltou Araújo (2000), pois passou a ser vista pelos militares quando trocou de rumo, a revista editada pelos militantes da Convergência Socialista também foi uma frente notável de oposição.

AS INTELECTUAIS EM *VERSUS*

"A mulher negra pertence a uma das minorias raciais mais cruelmente vitimada pelos castigos da divisão da sociedade em classe". Essa é a primeira frase de um manifesto publicado no número 11 de *Versus*, nas páginas 22 e 23, de título "Pela Mulher Negra". Neusa Maria Pereira é o nome da autora que o escreveu, uma mulher negra e jovem, de 28 anos na época. Recém formada em Jornalismo, constatou que a dificuldade a qual enfrentava na busca por um emprego na área estava intrinsecamente relacionada à cor da sua pele (PEREIRA, 2015). Por essa razão, escreveu seu manifesto, onde expõe sua indignação frente ao lugar que as mulheres negras ocupavam na sociedade brasileira, cotidianamente encaradas como objeto sexual de consumo fácil e discriminadas em todos os setores do mercado de trabalho. Em seu texto, Neusa clama por mudanças, reivindica que a herança escravocrata não seja a realidade das mulheres negras e convoca uma luta conjunta para que transformações sejam possíveis.

O desejo de apresentar ao mundo suas pautas fez com que Neusa procurasse um periódico alternativo para publicar seu manifesto. Conta, em depoimento, que escolheu *Versus* porque muitos de seus jornalistas também eram do *Jornal da Tarde,* o qual muito admirava por seu caráter de vanguarda e sua contribuição para importantes modificações estéticas e de conteúdo no jornalismo brasileiro (PEREIRA, 2015). Chegou na redação da revista com seu texto panfletário e emocionado em mãos[3], já pronto e, mesmo não conhecendo ninguém pessoalmente, manifestou sua vontade de publicá-lo em *Versus*. Iniciativa e emoção eram aspectos fundamentais no jornalismo em que

[3] Neusa (2015) caracteriza seu manifesto como "[p]anfletário, emocionado e respaldado pela experiência pessoal [...]" (PEREIRA, 2015, p. 1).

Marcos Faerman acreditava[4], por isso o manifesto de Neusa foi aceito com muito entusiasmo pelos editores e então publicado na 11ª edição.

Nessa época, o jornalista gaúcho pretendia lançar o caderno "Afro-Latino-América"[5], o qual tinha como proposta resgatar a imprensa negra e dar voz aos negros latino-americanos. A chegada de Neusa na redação foi o estopim para a sua criação. Ela trabalhou no projeto desde seu princípio, ajudando a reunir o grupo que o elaboraria e, já no número 12, a nova seção tornou-se uma realidade, bem como a sua participação definitiva em *Versus*. Por quase dois anos fez parte do elenco da revista, deixando-a quando essa passou a ser dirigida pela Convergência Socialista. Foi colaboradora por nove edições e editora assistente em outras três, publicou reportagens e ensaios sobre diversos temas, sobretudo nas páginas do caderno ALA. Também conduziu entrevistas, com Lélia Abramo[6] e Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, as quais tinham como foco diferentes temáticas que não estavam diretamente relacionadas à comunidade negra e suas lutas específicas. Neusa, portanto, não ficou restrita à seção ALA. Colaborou e interagiu com outros setores, inclusive como parte do corpo editorial, ao lado dos jornalistas que tanto admirava.

O seu trabalho na revista, relata, foi muito mais importante para sua formação intelectual do que seus quatro anos de faculdade, pois, além de ter contato com grandes nomes do pensamento africano, afro-brasileiro e latino-americano, em *Versus* aprendeu a circular num ambiente plural etnicamente, onde experiências e conhecimentos eram compartilhados de maneira mútua. Elaborar a revitalização da "imprensa negra" contribuiu para modificar o seu modo de pensar e fazer jornalismo, passando a entendê-lo, então, como uma função social, cultural e política (PEREIRA, 2015, p. 2). O caderno "Afro-Latino-América" ocupou um significativo espaço no contexto sociopolítico da década de setenta e intermediou a militância política antirracista de Neusa, uma vez que suas manifestações também originaram o Movimento Negro Unificado (MNU), uma organização criada para lutar pelos direitos do povo negro e desmistificar a falácia da democracia racial brasileira. Lançado publicamente em 7 de julho de 1978, com mais de duas mil pessoas reunidas nas escadarias do Teatro Municipal da Cidade de São Paulo,

4 Ver FAERMAN, Marcos. As palavras aprisionadas**. Versus,** n° 7, dez./jan. 1976, p.38.

5 A criação do caderno foi outra inovação de *Versus*. A revista colocou em destaque a importância da chamada imprensa negra dentro de um periódico de ampla circulação que não tinha como seu principal objetivo essa temática. Conforme Lélia Gonzalez (2020), *Versus* era o único "jornal progressista", fora dos específicos, que discutia sobre o racismo naquele momento. O caderno fez parte da revista até seu último número, em outubro de 1979.

representadas pela oralidade de Neusa, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, o MNU consagrou-se como um movimento nacional, de grande alcance, que ainda hoje promove o combate ao racismo.

Logo, o despertar da jovem jornalista sobre sua condição enquanto mulher negra e a sua decisão de provocar este despertar de modo coletivo a partir de *versus*, resultaram em transformações. Seu manifesto impulsionou a criação do caderno ALA, que por sua vez foi indispensável para o surgimento do MNU, que inicialmente reunia-se no porão da revista e acabou por se fazer ouvir nacionalmente, mesmo enfrentando a repressão da ditadura militar. Muitas das reivindicações do movimento, inclusive, tornaram-se lei durante a Assembleia Constituinte de 1988. Por suas contribuições como jornalista e ativista do movimento negro, Neusa recebeu significativas homenagens, como a criação de um prêmio em seu nome, em 2020, para condecorar profissionais da imprensa negros, indígenas e trans, que são comumente invisibilizados em premiações. O "Prêmio Neusa Maria de Jornalismo" foi uma iniciativa da agência jornalística *Alma Preta*. Em 2021, foi homenageada pelo "Prêmio Especial Vladimir Herzog".

O papel que Neusa e o movimento negro desempenharam em *Versus* ilustram a consciência democrática e a preocupação com as expressões humanistas que representam a revista, afirmadas por seus editores nos dois primeiros editoriais[7]. Essa essência democrática e humanista também pode ser exemplificada pela participação de Rachel Moreno na redação, outra importante mulher que interferiu no cenário político-cultural da década de setenta por meio da imprensa alternativa. Rachel era estudante de Psicologia na Universidade de São Paulo quando teve seu primeiro contato com Faerman, em 1975. Na época, estava começando sua atividade como militante feminista: já havia organizado e participado do movimento por creches na USP e estava trabalhando na sua ampliação, direcionando seus esforços para outros setores da população. Rachel e suas companheiras convocaram uma grande reunião com todas as interessadas nas reivindicações que propunham e, embora fosse um recém conhecido, o jornalista gaúcho ofereceu a sede da revista para a realização da mesma (MORENO, 2015).

A presença de Rachel na redação passou a ser regular desde então. Suas colaborações antecedem a circulação da revista, tanto que seu nome já está presente no expediente do número 1, assim como uma entrevista com Michel Foucault, a qual

[7] Ver VERSUS. Aniversário. **Versus**, São Paulo, n. 6, 1976, p. 2. E VERSUS. Aos leitores. **Versus,** n° 7, dez./jan. 1976, p. 2.

realizou ao lado de Marilsa Taffarel Faerman[8], Regina Schneiderman, Mauro Almeida e Marcos Faerman. Rachel contribui com a revista até o número 6, em 1976, retornando no ano seguinte, nas edições 15 e 16 como parte do conselho de redação. Além da entrevista, assinou apenas uma outra publicação – um anúncio de título "Nós, mulheres", publicado no número 3, apresentando um novo jornal feminista de mesmo nome. A proposta de criar o *Nós, mulheres*, segundo Rachel (2015), se deu, sobretudo, pela necessidade de ampliar o compartilhamento dos debates em torno dos direitos das mulheres, já que, como escreve em *Versus,* os canais existentes não ofereciam o espaço e a seriedade que o tema merecia (MORENO, 1976, p. 45).

A redação do jornal feminista começou reunindo-se em residências, até que Faerman, mais uma vez, ofereceu o seu espaço. Assim, o *Nós, mulheres* passou a ser editado no porão de *versus*, dividindo-o com o MNU. Também por intermédio de Faerman, Rachel conheceu Mariza Corrêa, que se tornou a jornalista responsável pelo jornal. Mariza havia acabado de defender, em 1975, sua dissertação de mestrado na área de Antropologia, intitulada "Os atos e os autos: representações jurídicas de papéis sexuais", então já estava habituada com as reflexões acerca da temática feminista e da luta pelos direitos das mulheres, assim como dominava os aspectos da área jornalística. Em *Versus*, Mariza também esteve presente desde o primeiro número e, apesar de não assinar nenhuma publicação, foi colaboradora até a 19ª edição. Percebe-se que, tanto Rachel, como Mariza, não publicaram reportagens ou ensaios na revista, como Neusa, no entanto, enquanto estavam circulando pela redação, de alguma forma ali colaboraram e, por isso, seus nomes foram referenciados como parte do expediente.

Esse também é o caso de Renata Villas Boas que, diferente de suas colegas, chegou primeiro no jornal feminista e posteriormente passou a também colaborar em *Versus*, mais precisamente a partir do número 9. Na revista, desempenhou diferentes funções: foi responsável pela publicidade, editora assistente, parte do conselho de redação e da produção gráfica. De acordo com as pesquisadoras Vasconcelos e Aliende (2010)[9], Renata foi quem dirigiu a diagramação do *Nós, mulheres* na maioria das edições, atividade a qual ela aprendeu com um editor de arte de *Versus*, de nome não citado. Consequentemente, o planejamento gráfico do jornal em muito se parece com aquele da

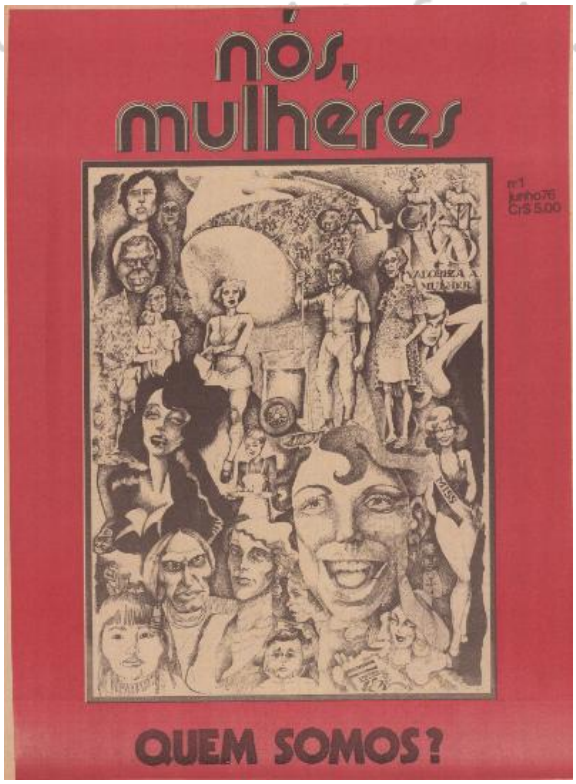
8 Na época, era esposa de Marcos Faerman.

9 As autoras apresentam a trajetória do jornal *Nós, mulheres* a partir de entrevistas com algumas de suas criadoras e colaboradoras. São elas: Ana Carolina Oliviero, Cida Aidar, Inês Castilho, Leda Kfouri, Lia Zatz, Marianna Monteiro, Marli Gonçalves, Rachel Moreno e Renata Villas Boas.

revista, de beleza estética inovadora. Além das imagens ocuparem um expressivo espaço na publicação feminista, a página de créditos é elaborada do mesmo modo. De fato, a troca entre os dois periódicos alternativos foi ampla, tanto que outras cinco mulheres participaram de ambos – as artistas Avani Stein, Conceição Cahú e Sandra Abdalla, a jornalista Vilma Gryzinski e a administradora Vera Lúcia de Jesus.

Conceição Cahú foi uma brilhante artista nordestina que participou dos primeiros números de *Versus,* atuando como ilustradora. No *Nós, mulheres* sua função era a mesma, além de participar do conselho de redação. Formada em Pintura na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Conceição começou sua carreira em meio ao regime militar, atuando em periódicos do grupo Abril e colaborando com manifestações políticas de resistência, como confecção de cartazes, por exemplo. Foi uma das únicas mulheres a participar do círculo dos famosos cartunistas paulistanos como Luiz Gê, Chico Caruso e Toninho Mendes (todos colaboradores de *Versus*). É lembrada, especialmente, pelos retratos confeccionados a bico de pena, técnica que utilizava para ilustrar as capas produzidas para o jornal feminista:

Figura 2. Capa da primeira edição do *Nós, mulheres* produzida por Conceição Cahú



Fonte: **Nós, mulheres**, São Paulo, n. 1, jun. 1976.

Para Rachel Moreno (2015), Faerman foi quem possibilitou o nascimento do *Nós, mulheres*, pois além do espaço físico, também cedeu "sua amplitude de visão e sua generosidade política" (MORENO, 2015, p. 4). Portanto, é cabível afirmar que o jornalista não compactuava com o imaginário de grande parte da esquerda, de que as pautas feministas eram inoportunas diante da luta enfrentada, pelo contrário, mostrou-se um simpatizante do movimento pelo que se pode constatar a partir das suas ações citadas, as quais fizeram com que Moreno (2015) lhe atribuísse uma certa paternidade do jornal, mesmo sendo uma iniciativa exclusiva de mulheres. Decerto, o papel que Faerman exerceu na história do *Nós, mulheres* ilustra muito de sua personalidade profissional, a qual baseava-se, sobretudo, no espírito da colaboração, conforme declara seu colega Alfredo Sirkis (1999). Por essa razão, a redação de *Versus* estava sempre de portas abertas para quem ali chegasse com talento e motivações, independente de outros fatores, como formação e experiência.

Muito mais que acolher ideias e movimentos, reportagens e textos, o gaúcho acolhia pessoas e as transformava em profissionais e, sendo assim, foi tutor e padrinho de inúmeros jovens jornalistas, especialmente da geração que participou da revista alternativa (SIRKIS, 1999). Isabel Vieira[10], por exemplo, era uma estudante do terceiro ano da faculdade de jornalismo quando começou a atuar em *Versus*, em setembro de 1977. Assim como Neusa, procurou a redação para publicar uma reportagem que havia escrito e acabou sendo recebida pelo próprio Faerman. Em artigo que escreveu em homenagem ao jornalista, Isabel conta:

> Naqueles tempos em que a imprensa estava sob censura e as publicações alternativas falavam por nós, a estudante do terceiro ano de jornalismo sentiu-se honrada por ser recebida pelo editor do tablóide que era o meu preferido na faculdade [...] Tive a sorte de chegar na hora certa. Marcão[11] me recebeu em 1977 como se já fosse profissional. Elogiou a matéria que eu trazia (sobre uma comunidade isolada de caiçaras no litoral norte de São Paulo) e a publicou [...] Em seguida, me incumbiu de uma pauta ambiciosa: a vida dos mineiros numa mina de carvão. Mas não qualquer mina. Queria uma mina em que a extração fosse feita por meio de métodos primitivos, 'como no *Germinal*, de Émile Zola', disse, me emprestando o romance que eu não conhecia. Mandou que lesse também um estudo sobre mineiros na Bolívia, *He agotado mi vida en la mina: una historia de vida,* de Juan Rojas e June Nash, numa edição argentina. Deixei a redação com os volumes debaixo do braço e sem coragem de confessar que eu não tinha a

[10] É necessário destacar que as reportagens da jornalista publicadas em *Versus* encontram-se assinadas por Isabel V. Rodrigues ou apenas Isabel Rodrigues. Optou-se por referir-se a ela como Isabel Vieira, porque é o sobrenome que atualmente utiliza para assinar seus trabalhos.

[11] Marcão é o apelido pelo qual amigos e colegas chamavam Marcos Faerman.

> menor idéia de onde havia minas de carvão no Brasil. Envergonhada, fui consultar enciclopédias e mapas. Assim encontrei a Mina do Leão, em Butiá (RS), a 100 quilômetros de Porto Alegre, tema da primeira de inúmeras matérias que eu faria sob orientação do Marcão (VIEIRA, 2013, n.p.).

Ainda em seu relato, Isabel fala de como Faerman possuía uma delicadeza única para tratar os recém chegados na profissão, amparada no respeito e no entusiasmo, mesmo trabalhando com profissionais já renomados. Suas atitudes faziam com que os jovens se sentissem capazes, em especial com sua empolgação frente a textos bem escritos (VIEIRA, 2013). Não é acaso que Isabel tenha consolidado sua carreira em *Versus,* na qual publicou cinco reportagens de fôlego sob orientação do seu editor, tornando-se então uma colaboradora regular. Além das citadas na passagem anterior, que receberam os títulos de "Memórias de Búzios" e "O povo das minas", respectivamente, a jornalista também escreveu "1968: as lutas políticas no Brasil"; "Bandeira 2, táxi!"; e "Trabalhadores, e agora?"[12]. Sua colaboração com a revista terminou junto com a de Faerman, em setembro de 1978, quando esta passou a ser veículo de propaganda política partidária. Já a parceria de ambos continuou por um longo tempo: ela participou de outros projetos alternativos do gaúcho, como as revistas *Singular & Plural* (1978-1979) e *Ícaro Ponte Aérea* (1984-1985); também foram colegas na revista *Quatro Rodas* e no *Jornal da Tarde*.

É possível afirmar, diante das considerações apresentadas, que, em *Versus*, as mulheres não estavam restritas a assuntos específicos da sua realidade. Pelo contrário, observando as publicações de Isabel e Neusa, principalmente, percebe-se que os temas desenvolvidos por elas são essenciais na narrativa da revista. As jornalistas escreveram sobre política, povos escravizados, lutas trabalhistas e ditadura militar, os grandes pilares temáticos da publicação. De acordo com Moreno (1976), no âmbito da imprensa, o mais comum na época era encontrar mulheres trabalhando na seção de assuntos variados e no caderno feminino ou, ainda, na parte de revisão. "Economia, política e coisas mais importantes, e melhor pagas, geralmente [eram] só para homens" (MORENO, 1976, p. 19). Em *Versus*, no entanto, não funcionava especificamente dessa forma. Ana Maria Sampaio, Bárbara Hartz, Cremilda Medina, Cristina Ribeiro, Elizabeth Marie, Malu Maranhão, Maria Cecília Garcia, Maria Dulce Pinheiro, Mary Alice Waters, Maura Veiga, Susan Branford e Vilma Gryzinski também publicaram reportagens e textos sobre

[12] Publicadas respectivamente nos números 16, 19, 20, 22 e 23.

assuntos que normalmente eram exclusivos dos jornalistas masculinos, conforme a afirmação de Moreno.

De fato, na grande imprensa o cenário era muito diferente. Segundo a pesquisa de Eloiza Lopes (2020), apenas 138 mulheres publicaram nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo,* entre 1968 e 1978. Nesses dez anos, essas jornalistas escreveram majoritariamente para as seções mencionadas anteriormente por Moreno (1976), chamadas de "soft news"[13] por Lopes (2020, p. 5). Contudo, é preciso levar em consideração que *Versus* era uma publicação precária, a qual sobrevivia por meio de patrocínios, anúncios, vendas e doações, o oposto dos periódicos da grande imprensa. Os alternativos, em sua maioria, não pagavam salários a seus colaboradores, os quais comumente eram voluntários. Toda a renda arrecadada destinava-se à produção dos números seguintes, tanto que muitos jornalistas trabalhavam em jornais ou revistas tradicionais para manter-se financeiramente. Dessa forma, não há como desconsiderar a hipótese, em vista do contexto da época em relação às mulheres, de que suas colaborações com temáticas consideradas sérias eram veiculadas na revista devido às suas condições de voluntárias.

Por outro lado, além da contribuição de Faerman com o jornal *Nós, mulheres*, *Versus* demonstrou, por meio de suas publicações, alinhar-se com as perspectivas do feminismo[14] e dos movimentos de mulheres, sugerindo, assim, uma visão de que sua redação não era um espaço machista. Diferente, por exemplo, do jornal *O Pasquim*, um dos maiores representantes da esquerda intelectualizada, o qual, de acordo com Céli Pinto (2003), tratava as mulheres de forma vulgarizada, sendo o feminismo alvo de deboches e sátiras. *Versus* demonstra uma postura diferente ao tratar genuinamente das discussões a respeito das mulheres e suas pautas singulares em pelo menos 16 números, dos 39 publicados (entre edições normais e especiais). Apesar de publicar o tema em todas essas edições, em algumas são apenas pequenos textos, que dividem a página com outros assuntos, que não são elencados no sumário.

Outros são artigos mais longos, que ocupam mais de uma página, inclusive com destaque na capa, como é o caso de um debate entre Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, televisionado na França e publicado no número 4, que sob o título "Sabe, Sartre,

[13] O termo *Soft News* é usado para denominar notícias que são consideradas leves ou que são relativas aos assuntos diversos, isto é, aqueles não classificados em categorias específicas.

[14] De modo geral, entendemos por feminismo os movimentos que lutam pela emancipação das mulheres e que combatem à desigualdade de gênero.

os seus livros são um pouco machistas", abrange duas páginas. Em nota introdutória, a revista refere-se à Beauvoir e Sartre como dois dos maiores pensadores da época, colocando-os como iguais. Ao longo do debate, enquanto Beauvoir questiona a omissão sobre a questão das mulheres na obra de Sartre, o filósofo admite tal erro, porém defende-se alegando que sempre tratou a intelectual feminista como igual. O debate segue essa linha, na qual Beauvoir questiona e Sartre defende-se, concluindo ao final que apoia totalmente a luta feminina, embora tenha visões um pouco distorcidas dessa realidade, como quando afirma que "a mulher, como oprimida, é quase mais livre, em certo modo, do que o homem. Tem menos princípios para lhe ditar a conduta" (SARTRE, 1976, p. 47).

Outro texto do compêndio feminista da revista aparece no número 9. A reportagem "Acertamos as contas, compadre!", de Diana Bellessi, ocupa cinco páginas e relata a vida de operárias latino-americanas exploradas nas fábricas de Nova Iorque. Com uma escrita densa, beirando o poético, Bellessi apresenta histórias e dados para demonstrar as violências físicas e emocionais que as imigrantes sofriam no país da esperança. De acordo com o texto, em 1971, mais de 4 milhões de mulheres negras e latinas realizavam serviços braçais nas fábricas nova-iorquinas, recebendo 1,85 dólares por hora. A argentina reflete sobre como as mulheres constituem a mão de obra mais barata do mercado, uma vez que a discriminação sexual, produto da divisão do trabalho, fez da mulher um objeto a ser super-explorado em vista de suposições biológicas, fazendo com que a sociedade não perceba esse fenômeno como social.

A violência também é tema do ensaio assinado por Susan Griffin, na edição 15, o qual fala sobre a violação que sofrem as mulheres e os limites impostos pela sociedade ocidental que impedem a plena libertação feminina. A capa do número apresenta a frase "um violador em cada esquina" e o sumário introduz o texto como uma reflexão à violência sexual. Com um relato pessoal embasado teoricamente, Griffin conclui que a violação é uma forma de terrorismo de massa: "O temor à violação alija as mulheres das ruas à noite. Obriga-as a permanecer em suas casas. Torna-as passivas e recatadas com o objetivo de não se tornarem provocantes" (GRIFFIN, 1977, p. 23). O texto da filósofa feminista é acompanhado por fotografias de prostitutas de São Paulo, capturadas por Rosa Gauditano. Nas páginas (figuras 5 e 6), palavras e imagens complementam-se, visto que Griffin discorre sobre como as mulheres que fogem do padrão estabelecido nunca são vistas como violadas, pois não merecem proteção por serem desviantes da norma, como é o caso das prostitutas.

www.revistafenix.pro.br

Figuras 3 e 4. Matéria "A violação" de Susan Griffin com fotos de Rosa Gauditano



AVIOLAÇÃO

Reflexões de Susan Griffin

«A violação não é um ato isolado que se possa erradicar sem terminar com o patriarcado que a torna possível... A violação configura um ato de dominação em que se acha presente o sentimento de ódio»...

Fonte: **Versus**, São Paulo, n. 15, p. 20 e 23, out. 1977.

www.revistafenix.pro.br

As especificidades da opressão das mulheres negras aparecem em alguns números, assim como os movimentos que empreenderam. Além do já mencionado texto de Neusa Maria Pereira, há publicações nos números 19, 24, 29 e 30. No 19, o pequeno ensaio "A quem interessam as mulatas" não é assinado por ninguém, mas comenta as variações da cor da pele do povo negro, demonstrando as diferenças socialmente construídas para tais variantes, afirmando que são necessárias para a perpetuação racista, por isso permanecem no imaginário dos brasileiros. Já a 24ª edição apresenta um trecho do poema "Moças das docas", de Noémia de Sousa, poeta de Moçambique. O poema é uma exposição da vida das mulheres moçambicanas, especialmente as prostitutas, conhecidas por moças das docas. Por último, nos números 29 e 30, há uma entrevista com Tereza Santos, militante do Movimento Negro Brasileiro, que foi para Guiné Bissau como voluntária quando passou a ser perseguida pela ditadura militar. Em suas falas, Tereza relatou a vida das pessoas do país, principalmente das mulheres guineenses.

A questão das presas políticas e as crueldades singulares que sofreram também estão presentes em algumas edições. Na 19ª, por exemplo, a capa é inteiramente dedicada ao tema, que apresenta em letras garrafais o título: "As presas políticas contam

tudo sobre as celas". Jessie Jane, Rosalice Fernandes e Norma dão seus depoimentos sobre o Instituto Penal Talavera Bruce, do Rio de Janeiro, onde ficaram encarceradas. Tratadas como subversivas, as presas ficavam isoladas das outras mulheres, como criminosas altamente perigosas. Essa tentativa do presídio de criar barreiras entre as mulheres nada mais é do que uma medida contra os ideais que as "subversivas" poderiam incutir nas outras presidiárias. No número 21, Rosalice Fernandes, professora e Deputada Estadual suplente do Movimento Democrático Brasileiro, volta a colaborar em *Versus* com mais um testemunho sobre a sua prisão no Instituto mencionado. Rosalice especifica as violências que sofreu, contando que nos interrogatórios sempre estava nua e encapuzada.

Seguindo com os textos relacionados aos movimentos de mulheres, a 30ª edição é simbólica. Dedicado à Rosa Luxemburgo, com uma capa inteiramente em vermelho e com o título "Esta mulher fez revolução: é Rosa Luxemburgo, a vermelha" (figura 7), o número tem uma quantidade significativa de ensaios e artigos que vão ao encontro do tema. Nas páginas 17 e 18, Elisabeth Marie comenta sobre a situação do Irã, discutindo as categorias que mais sofrem no país, destacando, principalmente, um movimento de mulheres que lutavam por sua liberdade na cidade de Hamadan. Em seguida, há uma matéria sobre uma marcha de centenas de mulheres bolivianas, que reivindicavam melhores condições de trabalho nas minas. Na edição também há um ensaio de Elisabeth Marie sobre a história que fez do 8 de março o dia internacional da mulher, acompanhado de fotos de mulheres em protestos e passeatas. Para finalizar, Mary Alice Waters faz uma biografia de Rosa Luxemburgo em seis páginas.

www.revistafenix.pro.br

Figura 5. Capa do número 30 de *Versus*



Fonte: **Versus**, São Paulo, n. 30, mar. 1979.

www.revistafenix.pro.br

Outras mulheres tiverem suas trajetórias divulgadas por *Versus*, como a jornalista e militante Patrícia Galvão, conhecida por Pagu, assim como Evelyn Reed anunciada por Elisabeth Marie na edição 32 como "socialista, feminista, militante, amiga de Trotsky e Natalia Sedova" (MARIE, 1979, p. 23). Reed inclusive é citada em outro momento. Na última edição de quadrinhos da revista foi publicada uma história que reflete sobre a agressão às mulheres, a qual é introduzida pelo seguinte texto:

> Hoje em dia, as cartas foram colocadas na mesa. As mulheres do movimento de liberação não lutam somente para possuir o controle de seu corpo e de sua mente, mas reclamam um tipo completamente novo de moralidade sexual e social. Renegam a hipocrisia, a culpa e a vergonha, em relação as suas necessidades sexuais, com o que se pretende mantê-las ligadas ao matrimônio indissolúvel. Como disse uma mulher, 'a gente deve sentir-se ligada pelo amor e não por um contrato'. Evelyn Reed, militante feminista e socialista norte-americana (VERSUS, 1979, p. 26).

Apesar dessas colocações admitirem que o movimento de liberação das mulheres estava na ordem do dia, nenhuma mulher tem uma publicação na edição, embora o setor de arte contasse com Marlene Crespo e Ivone Couto, ilustradoras de talento, e fosse coordenado por Sonia Kawa. A história em quadrinhos é de Enrique

Breccia e a introdução citada parece ser de autoria masculina, ainda que não seja assinada por ninguém. No mesmo ano, a revista publica seu número 28 com a frase "A revolução (necessária) das mulheres" estampando a capa. O sumário apresenta o texto da seguinte forma: "Abrimos o debate sobre a questão da independência das mulheres. E procuramos Lênin para saber o que ele pensava. Mary Alice Waters descreve o encontro." (VERSUS, 1979, p. 2). Porém, o texto da página 35, na verdade, é um trecho de uma conferência que Mary concedeu em 1972, na qual a jornalista discute a respeito da opinião de Lênin sobre o trabalho das mulheres e sua participação política, a partir de um folheto de Clara Zetkin, feminista e marxista.

O sumário, portanto, omite o trabalho de duas mulheres. A revista não procurou Lênin, o trabalho de Mary já estava pronto há mais de sete anos na época em que foi publicado e não consiste em uma simples descrição, é um ensaio sobre o tema. Ela também não se encontrou com o revolucionário comunista, já que este estava morto há cinquenta anos na época, quem o fez foi Clara, a qual não é citada previamente. A forma como *Versus* escreve seu sumário faz parecer que a iniciativa de abordar os pensamentos de Lênin foi sua. O texto de Mary é introduzido por Omar de Barros Filho, que garante um projeto editorial voltado às mulheres e suas reivindicações, já que é "um debate árduo e necessário" (BARROS FILHO, 1979, p. 34). Embora Omar destaque na introdução que o texto é de Mary, o que foi escrito no sumário não é contraposto, mantendo a ideia de criação da revista.

Os dois exemplos discutidos demonstram uma falta de percepção por parte da revista acerca da necessidade de amplificar as vozes das mulheres, dando espaço para que discutam suas próprias lutas e reivindicações. De fato, em *Versus* não havia uma restrição ao trabalho das mulheres ou uma desvalorização da sua intelectualidade, bem como existia um certo espaço para as discussões feministas e relacionadas. No entanto, algumas atitudes ilustram que a publicação era cúmplice de seu tempo, no qual as mulheres ainda eram silenciadas ou esquecidas, como observado. Já em seu primeiro número é possível perceber uma falta de nomes femininos para representar a identidade latino-americana que a revista assumiu, por exemplo. Argentina, Uruguai, Peru e México foram representados na 1ª edição por homens. Nomes como Silvina Ocampo, Ida Vitale, Clorinda Matto de Turner e Rosário Castellanos também simbolizam o espírito literário da América Latina, porém não foram lembradas. A própria capa, assim como a contracapa, não deixam margens para dúvidas, além de apenas nomes masculinos estarem destacados, encontram-se exclusivamente "escritor" e "o repórter".

Ainda a respeito da identidade latino-americana masculinizada, o editorial publicado no número 7 questiona onde está a América: "Nos escritos de José Martí? No testamento do Padre Burnier? Em Zapata, San Martín, Bolívar? Nos quadrinhos de Jô de Oliveira? Na voz de Noel Guarany?" (VERSUS, 1976, p. 2). Também cita diferentes culturas a partir de nomes como Eduardo Galeano, Murilo de Carvalho, Érico Veríssimo, Júlio Cortázar e Daniel Cabixi. O editorial, portanto, reafirma a postura da primeira edição da revista ao não citar o nome de uma única mulher. Para *Versus*, a América Latina era representada por sujeitos masculinos, o que não modifica-se ao longo das publicações posteriores.

Nesse ponto, é preciso mencionar que o patriarcado é construído a partir de um pacto entre homens, conforme salienta Heleieth Saffioti (2015), os quais beneficiam uns aos outros, fazendo com que seus feitos históricos, heroísmos e produções sejam uma evidência constantemente relembrada. Lerner (2022) identifica em sua obra que mesmo apreciando os sacrifícios e as contribuições das mulheres em movimentos revolucionários, os homens em geral consideram essas demandas marginais e secundárias. Dessa forma, as contribuições históricas das mulheres são comumente ignoradas em detrimento das proezas masculinas. Embora *Versus* ceda espaço às questões feministas e às mulheres e seus trabalhos, quando se analisa o número de figuras femininas que participaram da trajetória da revista em sua totalidade, nota-se que o mesmo é expressivamente baixo quando comparado com a participação masculina. Ou seja, a publicação é feita majoritariamente por homens, o que explica a cumplicidade para com outros homens.

Tal constatação é cabível a partir da leitura dos expedientes de *Versus*, os quais consistem na relação dos nomes de todas as pessoas que contribuíram para elaborar cada edição, publicados normalmente na página 2 ao lado do índice. Para exemplificar, dos 54 participantes do primeiro expediente, apenas 9 são mulheres. Do terceiro, são 18 mulheres para 53 homens. Essa diferença se mantém ao longo das próximas edições, inclusive quando aumenta o elenco que produz a revista. No número 12, por exemplo, que inaugura a seção ALA, o expediente conta somente com 15 mulheres para um total de 75 pessoas. No 24, o qual anuncia a saída de Faerman, amplia-se o número total para 90, onde estão presentes 22 mulheres. A última edição de *Versus* foi às bancas contando com 21 mulheres e 72 homens. Em termos percentuais, compreende-se que a participação das mulheres nos expedientes da revista ficou em torno de 20%.

O expediente não só crescia constantemente, como era modificado com regularidade, principalmente na divisão das funções. No número 3 identifica-se que o primeiro nome exposto é o de Marcos Faerman, como Diretor-Responsável, seguido dos "Editores", dos "Repórteres", dos responsáveis pela "Diagramação" e pela "Ilustração" e, por último, os "Colaboradores". Já na edição seguinte, o expediente começa com os "Editores", seguido pelo título "Arte", onde estão reunidas as pessoas que antes faziam parte da diagramação e da ilustração. A próxima mudança ocorre no número 9, com a divisão entre "Editores" e "Editores Assistentes". E a seguinte no 11, novamente dividindo os participantes da parte artística entre "Edição de arte e Produção Gráfica" e "Ilustração". Novas alterações acontecem ao longo dos números restantes, todavia, as mencionadas servem para exemplificar a hierarquia e o funcionamento da equipe que elaborava *Versus*.

Entender o perfil do expediente é importante, visto que, a partir dele, nota-se que poucas mulheres exerceram cargos de liderança na redação. Vilma Gryzinski é a primeira a compor o corpo de Editores, nos números 3 e 4. Posteriormente, Ana Dora aparece como editora nas edições 7 e 8, porém quando a divisão ocorre na 9ª edição, passa ao cargo de editora assistente. Maria da Paz Rodrigues ocupa a mesma função apenas nos números 11 e 12, participando de outras publicações como colaboradora ou editora assistente. Renata Villas Boas e Sônia Kawa são nomes que ficaram à frente da edição de arte, em 5 e 13 expedientes, respectivamente. Rosa Gauditano foi a maior editora de fotos, estando presente na função em 17 números. A revisão final foi atribuída à Maura Veiga por três vezes, nos números 21, 22 e 23, embora sempre tenha feito parte da revisão, por pelo menos 23 expedientes. Outra função importante ocupada por uma mulher foi a edição internacional, na qual Elizabeth Marie exerceu por 4 edições. Martha D'Angelo, como editora de cultura, e Malu Maranhão, como editora de leitura, fizeram parte desta liderança no ano final de *Versus*. Apenas a última publicação apresenta uma editora principal, a qual se chama Bárbara Hartz.

De forma resumida: em quatro anos e 34 números, a revista contou com a liderança de 11 mulheres. Entretanto, essas participações foram, em grande parte, por pouco tempo, como se pôde observar. A realidade é que as mulheres aparecem ocupando com maior frequência as funções de colaboradora, secretária, revisora e administradora. Nenhuma mulher ocupou a edição principal por 33 números, como Omar de Barros Filho, por exemplo. Marlene Crespo é a mulher que mais aparece em expedientes, porém compondo a parte de arte, mais especificamente colaborando com

ilustrações, por 26 números. A outra colaboradora com maior participação é a argentina Diana Bellessi, com 25 expedientes, seguida por Cristina Ribeiro e Maura Veiga, ambas com 23. Marilsa Taffarel Faerman e Rosa Gauditano são as próximas com 22 cada. Cecilia Thompson também é uma figura recorrente em 20 números, bem como Mariza Corrêa, em 19. Algumas delas protagonizaram certos papéis de liderança, conforme exposto, mas suas atuações ocorrem, sobretudo, na função de colaboradoras.

Para complementar os dados, é relevante analisar a antologia *Versus: páginas da utopia* (2007), organizada por Omar de Barros Filho, um dos principais editores da revista. Em suas páginas iniciais estão publicados os nomes de todos que colaboraram com a revista ao longo da sua trajetória[15]. Segundo a antologia, foram 407 pessoas que participaram de *Versus* em seus quatro anos. Desse total, 85 são mulheres, ou seja, no quadro geral as mulheres também estão na margem dos 20%, assim como nos expedientes. No entanto, a presente pesquisa observou que 45 mulheres[16] que participaram de alguns números da revista não foram mencionadas na obra. Não há como saber o critério utilizado pelo organizador, já que muitos nomes citados publicaram uma vez apenas na revista, outros nem publicaram ou não aparecem em qualquer expediente.

De qualquer forma, em termos de quantidade, pouco muda, pois a participação de mulheres fica em torno de 28%, então o predomínio de homens segue sendo uma realidade. Contudo, são 45 mulheres apagadas da história da revista, como se suas contribuições não tivessem importância. Sabe-se que essa é uma característica do processo histórico, de não registrar as produções de mulheres intelectuais, assim como de relativizar a sua importância, privilegiando as contribuições de figuras masculinas (LERNER, 2019). O livro de Barros Filho também demonstra esse segundo aspecto da História quando elege os 35 protagonistas de *Versus*, atribuindo esse papel a somente cinco mulheres: Diana Bellessi, Elisabeth Marie, Maria da Paz Rodrigues, Nélida Piñon e Neusa Maria Pereira. De fato, essas cinco mulheres foram protagonistas, embora Nélida

www.revistafenix.pro.br

15 É importante observar que Barros Filho considera a trajetória da revista somente até o número 33, visto que não participou da última edição publicada.

16 São elas (na ordem dos números que participaram): Ruth Terra, Zulmira Ribeiro, Maria Bordini, Maria Montserrat, Susan Branford, Florence Vaillant, Vera Helena R. Carneiro, Marina Kahn, Cinzia Ghigliano, Maria do Carmo Campello de Souza, Michele Mattelart, Susan Griffin, Mirna Grzich, Lúcia Brandão, Norma, Marieta de Castro, Elvira Lobato, Alice Andrade, Mariella Righini, Sônia Coggiola Caleffi, Lisete Barros, Margaret Randall, Rita de Souza, Ana Cristina Cesar, Leila Miccolis, Olga Savary, Maria da Graça Biatto, Suzete de Lourdes, Ana Maria Mandim, Tatiana Petit, Esther Thunzer, Noêmia de Souza, Sônia Kawa, Claire Bretécher, Dilce Pires, Mary Alice Waters, Gumilla Berglund, Jean Franco, Dolores Coelho, Tereza Santos, Helena A. Diniz, Lucia Ramos, Evelyn Reed, Bárbara Hartz e Ana Maria Porro.

tenha publicado apenas uma única vez um texto encomendado, mas é inquietante a disparidade entre o protagonismo masculino e o feminino.

Com os resultados apresentados até então, é possível concluir que a redação de *Versus* era um lugar majoritariamente masculino, no qual as mulheres ocupavam apenas uma fração do espaço. Apesar de se estabelecer como um periódico democrático e humanista, e por vezes assim agir, sobretudo a partir de Faerman que abriu portas para algumas mulheres começarem suas carreiras, ainda que tenha se aliado ao movimento feminista e à luta pela emancipação das mulheres, tornando-se palco para a discussão, essa era a realidade da revista a respeito da participação feminina. Todavia, observa-se que a publicação alternativa deu um significativo passo em relação ao seu tempo ao realizar as ações citadas, uma vez que grande parte da esquerda tradicional ignorava as demandas feministas, bem como atribuía às mulheres tarefas domésticas ou acessórias, conforme destaca Ana Maria Colling (1997).

Os números e porcentagens apontados são necessários para se compreender a personalidade da revista e o contexto em que essas mulheres produziram as suas contribuições, porém, eles revelam apenas um fragmento quantitativo. Reconhecer a importância que elas tiveram na elaboração da revista e dar voz às suas produções é o essencial para que não sejam apagadas dessa trajetória intelectual da qual participaram – e protagonizaram, como aconteceu na antologia mencionada. Embora seja preciso considerar que ninguém trabalhou mais tempo em *Versus* do que Barros Filho e que seu conhecimento sobre a revista é extremamente amplo, não se pode esquecer que a História vem sendo escrita e interpretada majoritariamente por homens que fizeram de outros homens os grandes protagonistas (LERNER, 2019) e que a exclusão de mulheres de qualquer narrativa histórica é uma estratégia patriarcal a qual, por reverberar há séculos, tornou-se uma prática *natural*.

Sendo assim, pesquisar a atividade intelectual das mulheres significa olhar especificamente para as margens da História a partir de lentes arqueológicas que possibilitam enxergar para além do discurso hegemônico. Bem como ocorreu com as mulheres, a história oficial também tratou de silenciar muitos dos capítulos da ditadura militar brasileira, tanto que a recuperação de partes dessa narrativa cruel continua sendo uma missão de muitas pesquisadoras e pesquisadores. Visitar as ruínas desse passado que ainda se faz presente, tornou-se fundamental principalmente nos últimos anos, devido à crescente onda conservadora e autoritária arquitetada pelo governo federal anterior, a qual acabou por ressuscitar a ideologia do regime que parecia morta, porém estava

apenas adormecida. Iluminar os sombrios anos ditatoriais e colocar em evidência os grupos que formaram frentes de resistências e lutaram pela redemocratização da sociedade e pelo fim da crueldade dos militares é um modo de lembrar a importância da democracia.

Portanto, destacamos que 130 mulheres participaram de *Versus*. Algumas produziram a revista, outras publicaram seus textos, poemas, ilustrações e reportagens, enquanto muitas foram entrevistadas ou conferiram depoimentos. Independente do modo como colaboraram, elas dedicaram seu trabalho intelectual à *Versus*, contribuindo com sua histórica trajetória. Ressaltamos esse número porque o esforço dessas mulheres também estabeleceu o projeto original e revolucionário do periódico paulista, por isso retomar seus trabalhos é uma tarefa fundamental para que a história da revista não seja conhecida de maneira fragmentada e sim em sua totalidade.

Deste modo, compreender *Versus* como fonte histórica, a qual conserva um registro das obras da intelectualidade feminina coletiva, possibilita ressignificar a História intelectual como uma narrativa também composta por mulheres. Evidenciamos, então, que representar a resistência intelectual à ditadura militar apenas com figuras masculinas é uma prática equivocada, a qual perpetua uma organização histórica fundamentada pelos princípios patriarcais. As mulheres registradas ao longo deste trabalho contribuíram com o fazer História. Foram ativas no processo histórico, assim como sempre, a diferença é que agora elas estão inscritas, com suas experiências registradas e compartilhadas. Não há como negar às mulheres uma História.

www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula. **A utopia fragmentada**: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. São Paulo: FGV, 2000.

BARROS FILHO, Omar de. Lições necessárias da História. **Versus**, São Paulo, n. 28, 1979.

_____ (Org.). **Versus:** páginas da utopia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

BEAUVOIR, Simone; SARTRE, Jean-Paul. Sabe, Sarte, os seus livros são um pouco machistas. **Versus**, São Paulo, n. 4, 1976.

BELESSI, Diana. Acertamos as contas, compadre!. **Versus,** São Paulo, n. 9, 1977.

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar. **Caminhos cruzados: Versus (1975-1979) e a América Latina – aproximação, presença e (re)leitura.** 2018. P. 313. Tese (Doutorado em

Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2018.

_____; OGASSAWARA, Juliana Sayuri. VERSUS: A busca por uma identidade cultural latino-americana. **Contratempo.** Niterói, n. 20, pp. 94-106, 2009.

COLLING, Ana Maria. **A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil.** Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

CRESPO, Regina Ainda. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. (orgs). **Cadernos de Seminários de Pesquisa:** volume II. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.

_____. Versus: um espaço da América Latina na imprensa alternativa (1975-1979). **Matrizes.** São Paulo, n. 2, v. 12, pp. 281-307, 2018.

GOMES, Angela Maria de Castro.; HANSEN, Patricia Santos. (Org.). **Intelectuais mediadores:** práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRIFFIN, Susan. A violação. **Versus**, São Paulo, n. 15, 1977.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista**: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. São Paulo: Cultrix, 2022.

_____. **A Criação do Patriarcado:** História da Opressão das Mulheres pelos Homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOPES, Eloiza. A presença de jornalistas mulheres no jornalismo de referência paulista durante a ditadura civil-militar brasileira: trânsitos discursivos entre passado e presente. **Anais do 20º Congresso Nacional de Iniciação Científica CONIC - SEMESP**. 2020. Disponível em: < https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2020/trabalho-1000005361.pdf>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

MARIE, Elizabeth. O profeta e a história. **Versus,** São Paulo, n. 30, 1979.

_____. Ombro a ombro. **Versus,** São Paulo, n. 30, 1979.

_____. Reed, a rebelde. **Versus,** São Paulo, n. 32, 1979.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARTINS, Mariana Link. Resistência, oposição e crítica: o papel de Versus frente à ditadura militar. In: DALTOÉ, Andréia da Silva; FLORES, Giovanna Benedetto; SILVEIRA, Juliana da (Orgs.). **Marcas da memória: o que resta da ditadura na educação brasileira?.** Campinas: Pontes, 2022.

www.revistafenix.pro.br

MORENO, Rachel. **Marcos Faerman e o Nós Mulheres**. 2015. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

_____. Nós, mulheres. **Versus,** São Paulo, n. 3, 1976.

_____. Debate: Situação da mulher no trabalho. **Nós, mulheres**, São Paulo, n. 1, pp. 19, 1976.

PEREIRA, Neusa Maria. **O Afro Latino América que vive em mim.** 2015. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

_____. Pela mulher negra. **Versus,** São Paulo, n. 11, 1977.

PINTO, Céli. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAID, Edward. **Representações do intelectual:** as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIRKS, Alfredo. Marcos Faerman (1944-1999), obsessão repórter. **Observatório da imprensa**, n. 62, n.p., 1999. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/marcos-faerman-1944-1999obsesso-reprter/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

SCHWARCZ, Lilia.; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VASCONCELOS, Nayara Maria; ALIENDE, Carmen Sílvia. Nós Mulheres: reflexões sobre o jornalismo feminista malcomportado. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0405-1.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

VERSUS. Aniversário. **Versus**, São Paulo, n. 6, 1976.

_____. Aos leitores. **Versus,** São Paulo, n. 7, 1976.

_____. Reflexus et delirius. **Versus,** São Paulo, n. especial quadrinhos, 1979.

VIEIRA, Isabel. Um humanista radical. **Observatório da imprensa**, n. 734, n.p., 2013.

WASSERMAN, C. História intelectual: origens e abordagens. **Tempos históricos**, Marechal Cândido Rondon, n. 1, v. 19, pp. 63-79, 2015.

WATERS, Mary Alice. A revolução das mulheres e Lenin. **Versus**, São Paulo, n. 28, 1979.

_____. Rosa, a vermelha. **Versus**, São Paulo, n. 30, 1979.

Recebido em: 24/01/2024
Parecer dado em: 23/03/2024